UNIVERSIDADE DE UBERABA

CAMPUS AEROPORTO

PSICOLOGIA

DANILO AZER MARTINS

VERÔNICA MENDES ALVES

CRIANÇAS AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

UBERABA

2024

DANILO AZER MARTINS

VERÔNICA MENDES ALVES

CRIANÇAS AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Psicologia, Campus Aeroporto da Universidade de Uberaba como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Matheus Fernando Felix Ribeiro

Uberaba

2024

RESUMO

OBJETIVO: Realizar uma revisão narrativa da literatura de caráter descritivo sobre as crianças autistas e o ambiente escolar. FONTE DOS DADOS: foi realizada busca a partir de publicações indexadas nas bases de dados BVS no período de fevereiro e março de 2024. Foram utilizados para a revisão os termos “autismo e educação”, “autismo e escola”, “autismo, educação e dificuldades”. Como critério de inclusão foram selecionados apenas trabalhos em língua portuguesa, nos últimos 10 anos. Foram excluídas produções que não eram de livre acesso. SÍNTESE DOS DADOS: os temas mencionados nos estudos foram agrupados em três categorias: aqueles com bases na psicanálise, aqueles que abordavam métodos e adaptações e as capacitações necessárias para a rede educacional. CONCLUSÃO: A partir dos resultados obtidos neste trabalho é compreendido que o processo de integração de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) vai além do sistema educacional comum, a necessidade urgente de um desenvolvimento profissional abrangente e de políticas de educação inclusiva, demonstram a falta de preparo nas redes educacionais, um outro ponto necessário a se considerar é a singularidade de cada aluno e de adaptar as práticas de ensino para atender às suas necessidades específicas.

**Palavras-chave**:

Escola; autismo; professor; ensino.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To conduct a narrative review of the descriptive literature on autistic children and the school environment. DATA SOURCE: A search was carried out based on publications indexed in the BVS databases in the period from February to March 2024. The terms “autism and education”, “autism and school”, “autism, education and difficulties” were used for the review. As an inclusion criterion, only works in Portuguese, published in the last 10 years, were selected. Productions that were not freely accessible were excluded. DATA SYNTHESIS: The themes mentioned in the studies were grouped into three categories: those based on psychoanalysis, those that addressed methods and adaptations, and the necessary training for the educational network. CONCLUSION: Based on the results obtained in this work, it is understood that the process of integrating students with Autism Spectrum Disorder (ASD) goes beyond the common educational system, the urgent need for comprehensive professional development and inclusive education policies demonstrate the lack of preparation in educational networks, another necessary point to consider is the uniqueness of each student and adapting teaching practices to meet their specific needs.

**Keywords**:

School 1; Autism 2; Teacher 3; Education/Teaching 4.

SUMÁRIO

[INTRODUÇÃO 6](#_Toc174299862)

[Método 7](#_Toc174299863)

[Resultados e discussão 7](#_Toc174299864)

[Psicanálise 10](#_Toc174299866)

[Métodos e adaptações 11](#_Toc174299867)

[Capacitação 16](#_Toc174299868)

[CONCLUSÃO 19](#_Toc174299869)

[REFERÊNCIAS 21](#_Toc174299870)

# INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento caracterizado por dificuldades na interação social, na expressão e compreensão de sentimentos e emoções, e no desenvolvimento da fala. Indivíduos com TEA podem apresentar déficits no contato visual e no uso de gestos, resistência a mudanças na rotina e repetição de comportamentos. Além disso, podem não expressar alegria ou prazer e frequentemente se isolam socialmente. Em alguns casos, a dificuldade na fala pode persistir até a idade adulta.

Silva Et al. (2012) mostra que nos Estados Unidos, o TEA é geralmente diagnosticado entre 3 e 4 anos, mas sinais podem ser percebidos antes do segundo ano de vida, e até mesmo no primeiro ano. Atualmente, é possível diagnosticar crianças com idades entre 18 e 24 meses, e até mesmo entre 6 e 12 meses em casos mais graves. No Brasil, entretanto, muitas crianças só recebem um diagnóstico definitivo aos 6 ou 7 anos, ou mais tarde. Portanto, é essencial que os modelos de diagnóstico eficientes usados em outros países e alguns Estados brasileiros sejam incorporados para melhorar a prática diagnóstica em todo o país.

**Fezer et. al (2017) explica** que o aumento na sobrevivência de recém-nascidos prematuros, surgem preocupações sobre as consequências neurológicas a longo prazo, já que o parto prematuro e as complicações associadas aumentam o risco de TEA. Embora a relação entre prematuridade e TEA ainda não esteja totalmente esclarecida, estudos sugerem que a asfixia perinatal, que pode ativar excessivamente o sistema dopaminérgico, pode contribuir para o desenvolvimento do TEA. A hospitalização de bebês pode levar a um retraimento emocional devido à exposição a agulhas e exames excessivos, levando-os a se isolarem em seu mundo interior como forma de proteção. A combinação de fatores genéticos e ambientais é atualmente considerada a principal causa do TEA.

Um estudo realizado por Schimidt(apud) et al (2006) mostra que professores sentem dificuldade e não se sentem preparados frente às demandas que alunos com TEA apresentam, pois não se comportam como os demais, evidenciando, portanto, um sistema educacional falho neste aspecto. Diante desses fatos, é importante a reflexão em como a escola pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo e emocional dessas crianças.

Diante da crescente preocupação com o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças com TEA, é crucial investigar como a escola pode oferecer suporte eficaz. A dificuldade enfrentada por professores na educação de alunos com TEA é um reflexo de um sistema educacional que ainda não está totalmente preparado para lidar com essas necessidades específicas. Estudos mostram que os métodos tradicionais muitas vezes não atendem às particularidades desses alunos, gerando desafios significativos no ambiente escolar. Este estudo visa analisar como a escola pode auxiliar crianças autistas no desenvolvimento escolar, buscando compreender o autismo e suas particularidades, avaliar como o ambiente escolar pode promover o desenvolvimento dessas crianças, e explorar as diferentes formas de aprendizagem que podem ser benéficas.

# Método

 Realizou-se uma revisão narrativa da literatura de caráter descritivo sobre as crianças autistas e o ambiente escolar. A coleta de dados foi realizada a partir de publicações indexadas nas bases de dados BVS (e outras que foram utilizadas por cada dupla) no período de (fevereiro e março 2024). Os termos utilizados para a revisão foram: “autismo e educação”, “autismo e escola”, “autismo, educação e dificuldades”. Como critério de inclusão foram selecionados apenas trabalhos em língua portuguesa, nos últimos 10 anos. Foram excluídas produções que não eram de livre acesso.

# Resultados e discussão

Foram encontradas 6.293 publicações nas bases de dados. Após a identificação das publicações elegíveis, os seguintes passos foram realizados: leitura dos títulos para evitar possíveis duplicatas, leitura exploratória dos títulos e dos resumos, leitura seletiva dos títulos e resumos e escolha das publicações que estivessem alinhadas com os objetivos do estudo para compor o material. O material que compõe o presente estudo foi composto por 17 publicações.

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Palavras chaves | Quantidade | Filtros | Resultado parcial | Resultado Final |
| (autismo) AND (educação) | 4.863 | Textos completos, idioma português, últimos 10 anos (2014/2024) | 65 | 11 |
| (autismo) AND (escola) | 1.381 | Textos completos, assunto principal, transtorno do espectro autista, estudantes, educação especial, idioma português, últimos 10 anos (2014/2024) | 24 | 4 |
| (autismo) AND (escola) AND (dificuldade) | 49 | Textos completos, idioma português, últimos 10 anos (2014/2024) | 14 | 2 |

Tabela 1. Seleção de artigos nas bases bibliográficas

 Os resultados obtidos partir da revisão serão apresentados e discutidos a seguir em 3 seções –Psicanálise, Métodos e adaptações e capacitação. Estes foram considerados a partir da análise os tópicos mais relevantes da literatura.

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| categoria | Título do artigo | autores | ano | Tipo de estudo  |
| Psicanálise  | Uma abordagem moebiana dos processos de exclusão e inclusão: diálogos entre psicanálise e educação | Silveira; Lima; Machado; Lopes; Charczuk; Bicca; Farid; Rahme | 2023 |  |
| Implicações do diagnóstico no trabalho pedagógico com crianças autistas: Sentidos e significados no fazer docente. | Silva; Modesti  | 2021 | Qualitativa e exploratória |
| Avaliação de funcionalidade em atividades e participação de alunos com transtornos do espectro do autismo | Miccas et al | 2014 | Quantitativo |
| Métodos e adaptações  | Uso de históricas sociais em sala de aula para crianças com autismo. | **Silva, Arantes e Elias** | 2018 |  |
| Inclusão escolar e autismo: Sentimentos e práticas docentes. | **Weizenmann,** **Pezzi e Zanon** | 2018 | Qualitativa de cunho exploratório e de caráter transversal |
| Mapeamento das estratégias inclusivas para estudantes com deficiência intelectual e autismo. | Benitez, Gomes, Bondioli e Domeniconi | 2016 | Semiestruturada e observações sistemáticas |
| Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo | **Campos, Dreux e Fernandes** | 2015 | Pesquisa investigatória  |
| Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas | Schmidt, Nunes, Pereira, Oliveira, Nuernberg, e Kubaski | 2015 | Metodologia de análise secundária de dados |
| A inclusão escolar nas autobiografias de autistas | Bialer | 2015 | Análise de livros |
| Autismo e inclusão na educação infantil: crenças e autoeficácia da educadora | [Sanini, Cláudia](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&q=au:%22Sanini,%20Cl%C3%A1udia%22); [Bosa, Alves](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&q=au:%22Bosa,%20Cleonice%20Alves%22).  | 2015 | Entrevista investigativa |
| Capacitação  | A percepção do professor e do tutor frente à inclusão da criança com autismo no ensino regular | Caneda e Chaves | 2015 | Semiestruturada e análise de discurso. |
| A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo | Pimentel, e Fernandes | 2014 | Questionário tipo classificação  |
| Transtorno do espectro atustia: Capacitação de professores para atividades escolares em grupo.  | Oliveira et al | 2016 | Exploratória e de Natureza aplicada |
| Escolarização de Alunos com Autismo | Lima, Laplane | 2021 | Descritiva |
| A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo | Fiorini et al.  | 2016 | Qualitativo |
| Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar | Pimentel et al. | 2014 | Qualitativa-descritiva |
| Inclusão escolar e autismo: Sentimentos e práticas docentes. | Weizenmann et al. | 2020 | Qualitativa, de cunho exploratório e de caráter transversal. |

Tabela 2. Categorização temática dos resultados.

Psicanálise

Silveira et al. (2023) discutem as dificuldades da inclusão escolar dentro da perspectiva psicanalítica, observando as contradições e desafios dos professores ao lidar com alunos com deficiência. Foi discutido que a inclusão nunca será total devido à natureza estrutural da exclusão. A psicanálise é aplicada para examinar a ética da inclusão, destacando a subjetividade do sujeito em contraste com uma abordagem universalista. A análise se baseia em narrativas de professores, exemplificadas por relatos de Margarida e Luciana, que revelam como os docentes enfrentam suas próprias limitações e preconceitos, enquanto buscam formas de incluir alunos com deficiência. Margarida reflete sobre seu medo inicial ao lidar com um aluno autista, revelando uma evolução em sua prática pedagógica ao reconhecer a singularidade do aluno e seu próprio papel como educadora. Luciana, por sua vez, destaca a importância de desafiar as expectativas baseadas em diagnósticos médicos, valorizando as habilidades individuais dos alunos. Ambas as narrativas ilustram o processo complexo de inclusão, que demanda uma abordagem sensível e flexível por parte dos professores, que reconheçam e valorizem a singularidade de cada aluno.

Silva et al. (2021) explora como o diagnóstico afeta o ensino de crianças autistas, destacando o papel das professoras e o uso do laudo médico. O diagnóstico muitas vezes limita a compreensão do aluno, levando a práticas pedagógicas restritas. No entanto, é crucial questionar e ressignificar essas práticas, reconhecendo a singularidade de cada criança. Quando recursos tradicionais não são eficazes, é necessário buscar alternativas criativas. A reflexão crítica é essencial para promover abordagens mais humanizadas e justas na educação especial. Embora não haja uma solução definitiva, sugere-se a realização de discussões abertas nas escolas para compartilhar experiências e desenvolver novas abordagens. Como limitações, destaca-se a necessidade de pesquisas mais amplas em diversas escolas e contextos. A educação verdadeiramente eficaz é aquela que está aberta à mudança e ao aprendizado contínuo.

Miccas et al. (2014) apresentaram uma pesquisa realizada com professores de uma escola de educação especial em São Paulo, com o intuito de avaliar a funcionalidade de alunos diagnosticados com transtornos do espectro do autismo. Foi utilizado um protocolo de avaliação funcional baseado no domínio de atividades e participação, conforme proposto pela Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. A pesquisa revelou diferenças significativas entre idade, ano/série e pontuação na avaliação de funcionalidade. Concluiu-se que o ambiente escolar frequentado pelos alunos avaliados é um ponto crucial de discussão, pois pode influenciar positivamente a evolução escolar e funcional desses alunos, assim como o planejamento adequado das intervenções pedagógicas, fundamentado em uma avaliação bem realizada

O desenvolvimento acadêmico e funcional dos alunos é influenciado pelo ambiente escolar que frequentam, destacando a importância de um planejamento pedagógico abrangente e fundamentado em uma avaliação criteriosa. Sob uma perspectiva psicanalítica, os desafios e contradições enfrentados pelos professores ao trabalhar com alunos com deficiência são evidenciados, ressaltando a impossibilidade de alcançar uma inclusão total devido à exclusão estrutural inerente.

A psicanálise serve como ferramenta para explorar as considerações éticas da inclusão, enfocando as experiências subjetivas dos alunos. As práticas de ensino têm evoluído ao reconhecer a individualidade de cada aluno e superar preconceitos. Inicialmente, os professores podem sentir apreensão ao trabalhar com alunos com autismo, mas essa apreensão pode ser transformada ao valorizar suas qualidades únicas. Isso ressalta a importância de desafiar noções preconcebidas baseadas em diagnósticos médicos e de valorizar as habilidades únicas de cada aluno.

É importante ressaltar o impacto do diagnóstico na educação de crianças com autismo, revelando que ele pode dificultar a compreensão dos alunos e promover métodos de ensino rígidos. É essencial reavaliar essas práticas e reconhecer a individualidade de cada criança. Quando as estratégias tradicionais se mostram ineficazes, tornam-se necessárias alternativas inovadoras. Ao promover o pensamento crítico e facilitar diálogos abertos nas escolas para trocar experiências e desenvolver novas abordagens. Além disso, enfatizar a importância de realizar investigações abrangentes em diversos ambientes educativos, destacando a necessidade de uma pedagogia adaptável e em constante evolução.

Métodos e adaptações

**Silva** et al. (2028) investigaram os efeitos das histórias sociais na aprendizagem de comportamentos adequados e na redução de comportamentos inadequados de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em sala de aula. Os resultados foram positivos, mostrando uma melhoria significativa nos comportamentos alvo dos participantes. As histórias sociais foram personalizadas para cada criança, destacando os comportamentos inadequados e as respostas alternativas adequadas. Antes da intervenção, as histórias foram lidas para as crianças e os comportamentos alvo foram registrados durante a aula. Os resultados indicaram um aumento nos comportamentos adequados e uma diminuição nos inadequados para ambos os participantes, além de uma redução na frequência de outros comportamentos inadequados não tratados diretamente nas histórias sociais. Esses resultados sugerem que as histórias sociais são uma estratégia promissora para promover comportamentos adequados e reduzir os inadequados em sala de aula, com um tempo de aplicação curto e custo baixo.

**Weizenmann** et al. (2018) contextualizaram a inclusão escolar, destacando sua importância em termos históricos e legais, tanto globalmente quanto no Brasil. Embora políticas públicas tenham sido estabelecidas para promover a inclusão, os desafios persistem, incluindo a falta de conhecimento sobre o TEA e crenças distorcidas sobre os alunos com esse transtorno. Alguns professores tendem a associar a inclusão apenas à socialização, o que pode limitar o ensino e a aprendizagem. No entanto, estratégias diferenciadas e o trabalho colaborativo entre professores podem beneficiar a educação de alunos com TEA.

O estudo destaca a importância de os professores construírem um vínculo com seus alunos e buscarem conhecimento atualizado sobre o TEA. Apesar dos desafios, há potencialidades na inclusão escolar, especialmente quando os professores se dedicam a entender as necessidades individuais de cada aluno e adaptam suas práticas pedagógicas em conformidade.

Benitez et al (2016) propuseram uma análise detalhada das estratégias de inclusão escolar para estudantes com Deficiência Intelectual (DI) e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ele destaca a importância de compreender a pluralidade de práticas inclusivas no contexto nacional, bem como a necessidade de alinhamento entre políticas governamentais e práticas escolares.

Historicamente, as abordagens educacionais para estudantes com DI no Brasil começaram a se consolidar no século XIX e ganharam força no século XX, inicialmente focadas apenas em habilidades de vida diária. Da mesma forma, as estratégias para estudantes com TEA também enfatizam a autonomia e habilidades sociais, mas ainda enfrentam desafios.

Uma preocupação comum nas práticas pedagógicas para ambos os grupos é o uso do currículo funcional e atividades práticas, tanto em escolas especiais quanto regulares. No entanto, há uma lacuna na formação de profissionais para lidar especificamente com esses alunos, especialmente no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e das salas de recursos multifuncionais.

O estudo destaca a importância da participação ativa dos pais e da colaboração entre professores regulares e de educação especial. Também ressalta a necessidade de investigar mais a fundo questões como dupla matrícula, redução de carga horária e a eficácia do AEE.

Por fim, o estudo sugere que uma abordagem combinada de métodos de coleta de dados, como caracterização dos estudantes, entrevistas com os pais e observações in loco, pode fornecer uma compreensão mais abrangente das estratégias inclusivas utilizadas e das necessidades específicas dos alunos com DI e TEA. Essa análise detalhada pode orientar intervenções futuras para melhorar a inclusão escolar desses alunos.

**Campos** et al. (2015) discutiram o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), delineando seus sintomas e critérios diagnósticos, além de destacar seu impacto na comunicação e cognição. Abordaram também as políticas legais e públicas voltadas para a proteção dos direitos das pessoas com TEA e os desafios enfrentados na educação inclusiva. Um estudo mencionado investigou a relação entre a frequência escolar e o desempenho cognitivo e comunicativo de crianças com TEA, revelando uma correlação positiva com a inteligência não verbal, mas uma correlação negativa com habilidades comunicativas e comportamentais. Embora reconheça as limitações do estudo, como o número restrito de participantes, o texto destaca a necessidade de mais pesquisas para entender melhor as necessidades das crianças com TEA e melhorar os serviços de apoio disponíveis para elas

Schmidt et al. (2015) explanaram a relação positiva dos professores sobre seus alunos com autismo é crucial para o sucesso da inclusão escolar. É importante fornecer suporte e orientação aos professores para que compreendam melhor as necessidades dos alunos e avaliem estratégias eficazes para seu aprendizado. Alguns professores empregam estratégias pedagógicas, como incorporar temas de interesse dos alunos e usar recursos visuais, facilitando a aprendizagem e reduzindo comportamentos disruptivos. No entanto, o desafio da alfabetização para alunos com autismo requer práticas alternativas, uma vez que as tradicionais podem não ser eficazes. A interação com os colegas é limitada para alunos com autismo, mas a convivência com pares típicos pode beneficiar o desenvolvimento social. A formação insuficiente dos professores contribui para estigmatização e práticas inadequadas, resultando em baixa autoeficácia docente. É fundamental fornecer suporte técnico-pedagógico, promover uma estrutura escolar inclusiva e fortalecer a parceria entre família e escola para garantir o sucesso da inclusão escolar de alunos com autismo.

Bialer et al. (2015) relacionam as autobiografias de autistas, como a de Ido Kedar, e destacaram críticas ao poder dos especialistas no campo do autismo, apontando para uma postura de cegueira clínica e uma tendência a permanecerem colados em suas teorias doutrinárias, excluindo a voz dos próprios autistas. Ido expressa sua frustração ao ser objeto de estudo de especialistas que falavam sobre ele sem compreendê-lo verdadeiramente, pois estava limitado em sua capacidade de se comunicar. Ressaltaram a importância de os especialistas ouvirem o que os autistas têm a dizer e permanecerem abertos à evolução do entendimento sobre o autismo.

Além disso, diversas autobiografias de autistas fornecem sugestões para a inclusão escolar, enfatizando a importância de se reconhecer o potencial e a singularidade de cada autista. Elas destacam a necessidade de um ensino que desperte interesse e motivação, respeitando a maneira particular de processar informações sensoriais dos autistas. A aposta no autista como sujeito pensante e sensível é fundamental para sua inclusão na escola, pois isso permite que ocupem um lugar significativo no ambiente educacional. No entanto, as narrativas também evidenciam a prevalência da exclusão ou de uma inclusão superficial, que não reconhece verdadeiramente a singularidade e o potencial dos autistas.

Em suma, as autobiografias de autistas oferecem insights valiosos sobre a inclusão escolar, ressaltando a importância de ouvir a voz dos autistas, reconhecer sua singularidade e promover uma educação que os valorize como indivíduos.

Sanini et al. (2015) diante do relato da educadora destacaram os importantes desafios enfrentados na prática pedagógica, especialmente ao lidar com um aluno com autismo. A dissociação entre teoria e prática evidencia a necessidade de uma integração mais efetiva desses dois aspectos no contexto educacional. A falta de valorização da formação acadêmica da educadora e a dependência de orientações externas refletem um baixo senso de autoeficácia, que pode impactar negativamente na qualidade do trabalho pedagógico.

A observação das características individuais da criança com autismo e a adaptação das práticas pedagógicas às suas necessidades são pontos positivos no relato da educadora. No entanto, a falta de conhecimento teórico específico sobre o autismo pode limitar a eficácia dessas práticas. A presença de comportamentos desafiadores, como a resistência à mudança e a agressividade, ressalta a importância de uma abordagem cuidadosa e sensível por parte dos educadores.

O apoio emocional e instrumental recebido pela educadora, especialmente da diretora da escola, é crucial para enfrentar os desafios do trabalho com crianças com necessidades educativas especiais. No entanto, a dependência exclusiva desse suporte pode indicar uma necessidade de maior autonomia e confiança por parte da educadora em sua própria capacidade.

Em suma, o relato da educadora destaca a importância da formação continuada dos professores, especialmente aqueles que trabalham com crianças com autismo. A integração entre teoria e prática, o desenvolvimento de estratégias pedagógicas sensíveis às necessidades individuais dos alunos e o fortalecimento do senso de autoeficácia são fundamentais para promover uma educação inclusiva e de qualidade.

Quando se trata de incluir alunos autistas, há uma variedade de desafios que os educadores devem enfrentar. Um dos principais métodos para promover a inclusão é adaptar atividades lúdicas para apoiar a alfabetização e o desenvolvimento global. Contudo, a falta de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os equívocos dos professores são atualmente os maiores obstáculos. É fundamental enfatizar a importância do vínculo professor-aluno, pois a percepção positiva dos professores sobre os alunos com autismo é vital para o sucesso da inclusão nas escolas. Isto evidencia a necessidade de integrar teoria e prática, valorizar a formação acadêmica e desenvolver estratégias pedagógicas que atendam às necessidades individuais. Embora o apoio emocional e instrumental seja crucial, também é importante promover uma maior autonomia entre os educadores, em vez de depender apenas deste apoio.

A implementação de técnicas de ensino modificadas, incluindo a incorporação de disciplinas que cativam os alunos e a utilização de recursos visuais, promove um ambiente de aprendizagem mais eficaz, ao mesmo tempo que minimiza comportamentos perturbadores. Extensas pesquisas indicaram uma conexão entre as taxas de frequência de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e suas habilidades cognitivas e comunicativas, ressaltando a necessidade de mais investigações nesta área.

Os professores muitas vezes enfrentam o desafio de inicialmente sentirem medo e insegurança ao interagirem com alunos que têm TEA. No entanto, com o tempo e a experiência, estas emoções podem transformar-se num sentimento de confiança e adaptabilidade à medida que aprendem a interagir eficazmente com estas crianças. Uma estratégia que tem se mostrado bem-sucedida em sala de aula é a implementação de histórias sociais, que visam melhorar comportamentos apropriados e diminuir comportamentos inadequados em crianças com TEA. Essas histórias são adaptadas para cada criança e demonstraram resultados positivos significativos em termos de melhorias comportamentais.

É crucial enfatizar a necessidade de sincronizar as políticas governamentais com as práticas escolares e de melhorar o desenvolvimento profissional. Além disso, a importância do envolvimento ativo dos pais e da promoção da colaboração entre professores do ensino regular e especial não deve ser negligenciada.

Um aspecto fundamental destacado na análise de autobiografias escritas por indivíduos no espectro do autismo é a crítica aos métodos empregados pelos especialistas, juntamente com uma forte ênfase na importância de ouvir ativamente as perspectivas dos indivíduos autistas. Estas narrativas propõem que a educação inclusiva deve reconhecer e valorizar as capacidades e qualidades distintivas de cada pessoa autista, promovendo um ambiente educativo que valorize as suas capacidades intelectuais e sensibilidades emocionais.

Capacitação

Caneda et al. (2015) analisaram o relato da professora e da tutora e revela um cenário complexo e desafiador no contexto da inclusão de alunos autistas no ensino regular. Ambas expressam inquietações e desconfortos diante do paradigma da educação inclusiva, ressaltando a falta de preparo e de recursos adequados para lidar com as necessidades específicas desses alunos. Essa dificuldade é ainda mais evidente diante da ausência de uma compreensão mais profunda sobre o autismo, refletindo a falta de formação especializada e de suporte institucional para enfrentar os desafios da prática inclusiva.

Ao mesmo tempo, as entrevistadas destacam a importância de uma abordagem mais flexível e empática, reconhecendo a singularidade de cada aluno autista e a necessidade de adaptações constantes no ambiente escolar. No entanto, a falta de apoio e de capacitação adequada dificulta a efetivação dessas práticas inclusivas, evidenciando a urgência de investimentos em formação continuada e em políticas educacionais mais inclusivas e acessíveis. Essa reflexão aponta para a necessidade de uma mudança estrutural na escola e na formação docente, visando proporcionar um ambiente mais acolhedor e adaptado às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas especificidades.

Pimentel et al. (2014) revelaram que muitos professores reconhecem a importância da escola na promoção do desenvolvimento da comunicação e das relações interpessoais em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), corroborando com estudos anteriores. Destaca-se que a inclusão escolar desses alunos é viável, sobretudo quando há um foco no desenvolvimento dos fatores sociais. No entanto, observa-se uma lacuna no apoio estrutural e na formação especializada, o que limita a efetividade dessas práticas inclusivas. É evidente a necessidade de investimentos em capacitação docente, suporte multidisciplinar e adaptações curriculares para garantir uma inclusão eficaz e sustentável.

Por outro lado, os professores expressam preocupações quanto à falta de preparo para lidar com alunos com TEA, especialmente no que diz respeito à aprendizagem e ao desenvolvimento neuropsicomotor. Essa percepção reflete a necessidade urgente de programas de formação específicos e de apoio contínuo aos docentes. Além disso, a infraestrutura das escolas também é considerada inadequada para atender às necessidades desses alunos, evidenciando a importância de investimentos em recursos tecnológicos e estruturais. Conclui-se, portanto, que a inclusão escolar de alunos com TEA requer uma abordagem holística, que envolva não apenas os professores, mas também a comunidade escolar e os órgãos governamentais, a fim de garantir um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

Oliveira et al. (2016) analisaram a forma como a capacitação de professores pode melhorar o ensino de crianças autistas. Foram instruídos 18 professores do ensino fundamental através de atividades pedagógicas, baseada na proposta de Cortegoso e Coser (2011) e a partir dos pressupostos teóricos da ABA, do uso de prompt e reforço. Ao final concluiu que os professores conseguiram adaptar e entender as melhores formas para ensinar alunos autistas, principalmente através de atividades em grupo e o uso de jogos e simulações.

Lima e**Laplane** (2021) investigaram as baixas conclusões de alunos com autismo. Foram analisadas escolas municipais, estaduais, particulares, publicas, e centros de educação inclusiva, desde o ensino fundamental ao médio. Concluiu-se que o processo de escolarização de alunos com autismo não se completa e que poucos alunos chegam ao ensino médio. A taxa de evasão escolar é alta e mesmo aqueles alunos que estão matriculados nas séries e anos correspondentes à idade, não frequentam, necessariamente, as turmas regulares em que estão registrados. Poucos alunos frequentam o atendimento educacional especializado e a rede estadual não oferece nenhum tipo de apoio a essa população.

Fiorini et al. (2016) analisaram as dificuldades e o valor atribuído ao trabalho com crianças com autismo, segundo professores. Participaram do estudo 51 professores de escolas regulares e especiais que tinham alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Utilizou-se um questionário fechado, do tipo classificação, no qual os professores responderam sobre o papel que desempenham em relação ao aluno, suas dificuldades e habilidades no trabalho com esses alunos, suas observações sobre comportamentos e interesses das crianças e as estratégias de comunicação utilizadas por ambos. Os professores relataram que sua influência estava principalmente relacionada à comunicação e às relações interpessoais. As dificuldades mais frequentemente mencionadas estavam associadas à aprendizagem, comunicação e comportamento das crianças. Concluiu-se que os professores estão despreparados para ensinar alunos com TEA, necessitando de melhor formação e mais apoio de outros profissionais, para que possam proporcionar uma educação de melhor qualidade para essas crianças.

Pimentel et al. (2014) analisaram a experiência de dois professores de educação física em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, do 1° ao 5° ano, em uma cidade da região Centro-Oeste do Estado de São Paulo, ao incluírem alunos com deficiências e autismo nas atividades regulares. Para a análise, foram utilizadas gravações das aulas regulares de duas turmas. Foram filmadas 12 aulas do professor 1 (P1) e 16 aulas do professor 2 (P2), e as filmagens foram categorizadas em temas.

Para P1, foram identificados três temas: situações de sucesso, dificuldades relacionadas à estratégia e a falta de ação propositiva em relação à inclusão. Para P2, foram identificados sete temas: situações de sucesso, dificuldades relacionadas à seleção do conteúdo, à estratégia de ensino, aos recursos pedagógicos, às características dos alunos, à falta de ação propositiva em relação à inclusão e possibilidades e dificuldades relacionadas à presença da professora de sala na educação física.

Concluiu-se que ambos os professores enfrentavam dificuldades para incluir alunos com deficiência e autismo, mas também vivenciavam situações de sucesso. As filmagens permitiram detalhar as necessidades dos professores e entender que a formação continuada deve ser desenvolvida levando em consideração o contexto das aulas, auxiliando na minimização das dificuldades e valorizando as ações de sucesso.

Weizenmann et al. (2020) basearam-se em um estudo o qual teve objetivo de investigar a experiência de professores em relação à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), explorando sentimentos e práticas docentes. Este estudo, de natureza qualitativa, exploratória e transversal, envolveu quatro professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, cada uma com um aluno com TEA matriculado em sua turma. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e a análise dos dados foi conduzida por meio da análise temática. Os resultados mostraram que os primeiros sentimentos dos professores foram de medo e insegurança. No entanto, após um período de adaptação, esses sentimentos evoluíram para uma sensação de segurança no trabalho, à medida que os professores aprenderam a trabalhar e adaptar as atividades para os alunos com autismo.

Observando a fala da professora e da tutora revela um cenário desafiador na inclusão de alunos autistas no ensino regular. Ambas expressam inquietações quanto à falta de preparo e recursos adequados, evidenciando a ausência de uma compreensão profunda sobre o autismo e a falta de formação especializada e suporte institucional. As entrevistadas destacam a importância de uma abordagem flexível e empática, reconhecendo a singularidade de cada aluno autista e a necessidade de adaptações constantes. No entanto, a falta de apoio e capacitação dificultam a efetivação dessas práticas inclusivas, apontando para a urgência de investimentos em formação continuada e políticas educacionais mais inclusivas.

Estudos mostram que muitos professores reconhecem a importância da escola no desenvolvimento de alunos com TEA, mas enfrentam limitações devido à falta de apoio estrutural e formação especializada. Programas de capacitação e suporte contínuo são urgentes, assim como investimentos em infraestrutura adequada. Conclui-se que a inclusão escolar eficaz de alunos com TEA requer uma abordagem holística que envolva professores, comunidade escolar e órgãos governamentais. Pesquisas destacam tanto os desafios quanto as estratégias de sucesso na educação inclusiva, enfatizando a necessidade de formação continuada e suporte multidisciplinar para garantir um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

# CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos neste trabalho é compreendido que o processo de integração de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e outras deficiências nas escolas é um esforço complexo, o qual envolve não apenas redes educacionais, mas sim um conjunto integrado de educadores e familiares. É importante ressaltar que a inclusão oferece tanto desafios quanto oportunidades de crescimento, tanto para os alunos quanto para os educadores. Uma das principais barreiras enfrentadas pelos professores, estão relacionadas principalmente com a formação limitada, além dos recursos limitados e a falta de apoio institucional, o que realçam a necessidade urgente de um desenvolvimento profissional abrangente e de políticas de educação inclusiva.

É importante também explorar as complexidades da inclusão escolar, juntamente com o impacto do diagnóstico de crianças com autismo, discutindo as dificuldades da inclusão escolar e o impacto do diagnóstico no ensino de crianças com autismo a partir de uma perspectiva psicanalítica, revelando as contradições e obstáculos enfrentados pelos educadores. A psicanálise deixa claro que a inclusão plena muitas vezes pode não ser alcançada devido à natureza excludente inerente ao sistema educacional, mas ao mesmo tempo enfatiza a importância de considerar a singularidade de cada aluno e de adaptar as práticas de ensino para atender às suas necessidades específicas.

Com base em relatos de professores, familiares e pessoas com autismo de diferentes idades, fica claro que o sucesso da inclusão nas escolas depende fortemente da construção de relações positivas entre professores e alunos e da implementação de métodos de ensino que reconheçam e valorizem capacidades únicas dos alunos. Para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo, é crucial empregar estratégias como a narrativa social e abordagens educativas que se adaptem de forma a compreender as necessidades individuais de cada aluno. Em resumo, alcançar a inclusão escolar de alunos com TEA e outras deficiências requer uma abordagem abrangente que vá além dos ajustes curriculares, esta abordagem deve incluir a formação de professores e a implementação de políticas públicas que alinham as práticas escolares com as necessidades reais dos alunos.

Só através destes esforços será possível promover uma educação inclusiva que seja equitativa, eficaz e que valorize verdadeiramente a diversidade. Por fim para concluir é importante ressaltar para que as pesquisas futuras considerem a inclusão das vozes dos próprios alunos e de suas famílias para obter compreensão. Explorar a relação entre as políticas públicas e a prática escolar para identificar lacunas e fornecer orientações para que a orientação governamental atenda melhor às necessidades reais de alunos e educadores. A promoção de políticas educacionais em conjunto com discussões abertas e o desenvolvimento de novos métodos pedagógicos, especialmente voltados para alunos com TEA, também são áreas promissoras para pesquisas adicionais.

REFERÊNCIAS

Gabriela Foresti Fezer; Marília Barbosa de Matos; Angélica Luciana Nau; Bianca Simone Zeigelboim; Jair Mendes Marques; Paulo Breno Noronha Liberalesso - CARACTERÍSTICAS PERINATAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. Psico (online); Apr-Jun 2017.

RODRIGUES, Vânia; NASCIMENTO, Sofia; MAIA, Luís. Transtorno do espectro autista: o Síndrome de Savant.**Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 21, n. 2, p. 387-394, ago.  2020. https://doi.org/10.15309/20psd210213. Disponível em: <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1645-00862020000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 nov.  2023.

SCHMIDT, C.; et el. Inclusão Escolar e Autismo: uma Análise da Percepção Docente e Práticas Pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 1, p. 222–235, 2016. DOI: 10.15348/1980-6906/psicologia. v18n1p222-235. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/9357. Acesso em: 28 nov. 2023.

YUNTA, J. et.al. El síndrome de savant o idiot savant. **Revista Neurológicos Síndromes Neurológicos Y Neuropsicologia**, 36(1), 157- 161. 2003. Disponível em: <https://institutoincia.es/wp-content/uploads/2003/04/El-Sindrome-de-Savant.-Rev-Neurol-2003.pdf> Acesso em: 28 nov. 2023.

Restrepo, J. M. B. (2012). Do autismo nos tempos do capitalismo ao sujeito autista da psicanálise. A Peste, 4(2), 57-64. Recuperado de: <http://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/22114/16223>.

Silveira, Hermínia Maria Martins Lima; Machado, Nathália Lopes; Charczuk, Simone Bicca; Rahme, Mônica Maria Farid. - Uma abordagem moebiana dos processos de exclusão e inclusão: diálogos entre psicanálise e educação - Una perspectiva moebiana a los procesos de exclusión e inclusión: diálogos entre pscioanálisis y educación - A Moebian approach to exclusion and inclusion processes: dialogues between psychoanalysis and education - Une approche moebienne des processus d&#039; exclusion et d&#039; inclusion: dialogues entre la psychanalyse et l&#039; éducation - Estilos clín;28(2)2023. ilus

Silva, Wilian Gomes da; Modesti, Simone Regina Sandri. - Implicações do diagnóstico no trabalho pedagógico com crianças autistas: sentidos e significados no fazer docente - Implications of diagnosis in pedagogical work with autistic children: senses and meanings in teaching - Implicaciones del diagnóstico en el trabajo pedagógico con niños autisticos: significados y significados en la enseñanza - Barbarói;(58): 122-140, jan.-jun. 2021.

Silva, Mirella Cassia da; Arantes, Ana; Elias, Nassim Chamel. - Uso de histórias sociais em sala de aula para crianças com autismo - Uso de histórias sociales en clase para niños con autismo - Use of social stories in classroom to children with autism - Psicol. Estud. (Online);25: e43094, 2020. Graf

Weizenmann, Luana Stela; Pezzi, Fernanda Aparecida Szareski; Zanon, Regina Basso. - Inclusión escolar y autismo: sentimientos y prácticas docentes - Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes - School inclusion and autism: teachers&#039; feelings and practices - Psicol. esc. educ;24: e217841, 2020.

Benitez, Priscila; Gomes, Máyra Laís de Carvalho; Bondioli, Ricardo; Domeniconi, Camila. - Mapeamento das estratégias inclusivas para estudantes com deficiência intelectual e autismo - Mapeamento das estratégias inclusivas para estudantes com deficiência intelectual e autismo - Levantamiento de herramientas inclusivas para estudiantes condiscapacidad intelectual y autismo - Psicol. Estud. (Online);22(1): 81-93, Jan-Mar. 2017.

 Campos, Larriane Karen de; Fernandes, Fernanda Dreux Miranda. - Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo - School profile and language and cognitive abilities of children and adolescents with autism spectrum disorders - CoDAS;28(3): 234-243, tab

Schmidt, Carlo; Nunes, Débora Regina de Paula; Pereira, Débora Mara; Oliveira, Vivian Fátima de; Nuernberg, Adriano Henrique; Kubaski, Cristiane. - Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas - School inclusion and autism: a review of teacher perception and pedagogical practices - Inclusión escolar y autismo: percepción de la enseñanza y las prácticas pedagógicas - Psicol. teor. prát;18(1): 222-235, abr. 2016.

 Bialer, Marina. - A inclusão escolar nas autobiografias de autistas - School inclusion in autistic autobiographies - La inclusión escolar en las autobiografías de autistas - Psicol. esc. educ;19(3): 485-492, set.-dez. 2015.

Sanini, Cláudia; Bosa, Cleonice Alves. - Autismo e inclusão na educação infantil: crenças e autoeficácia da educadora - Autism and inclusion in childhood education: teacher&#039; s beliefs and sense of self-efficacy - Autismo y inclusión en la educación infantil: creencias y autoeficacia del educador - Estud. psicol. (Natal);20(3): 173-183, jul.-set. 2015. Tab

Caneda, Cristiana Rezende Gonçalves; Chaves, Tânia Marisa Lopes. - A percepção do professor e do tutor frente à inclusão da criança com autismo no ensino regular - The perception of teachers and tutors facing the inclusion of children with autism in regular education - Aletheia;(46): 142-158, jan.-abr. 2015.

Pimentel, Ana Gabriela Lopes; Fernandes, Fernanda Dreux Miranda. - A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo - Teacher? s point of view about working with children of the autism spectrum - Audiol., Commun. res;19(2): 171-178, Apr-Jun/2014. Tab

OLIVEIRA, Letícia Dal P. Dal S. de et al. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 52, p. 74-85, jun.  2021.   Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1414-69752021000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2024.  <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2021i52p74-85>.

LIMA, S. M.; LAPLANE, A. L. F. DE. Escolarização de Alunos com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 2, p. 269–284, abr. 2016.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. - Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar - Difficulties and Successes Physical Education Teachers Experience with School Inclusion - Rev. bras. educ. espec;22(1): 49-64, jan.-mar. 2016. tab

Pimentel, Ana Gabriela Lopes; Fernandes, Fernanda Dreux Miranda. - A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo - Teacher? s point of view about working with children of the autism spectrum - Audiol., Commun. res;19(2): 171-178, Apr-Jun/2014. tab

Weizenmann, Luana Stela; Pezzi, Fernanda Aparecida Szareski; Zanon, Regina Basso. - Inclusión escolar y autismo: sentimientos y prácticas docentes - Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes - School inclusion and autism: teachers&#039; feelings and practices - Psicol. esc. educ;24: e217841, 2020.

Miccas, Camila; Vital, Andréa Aparecida Francisco; D&#039; Antino, Maria Eloisa Famá. - Avaliação de funcionalidade em atividades e participação de alunos com transtornos do espectro do autismo - Assessment of functionality on activities and participation of students with autism - Psicopedagogia;31(94): 3-10, 2014. graf, tab